



A subjetividade dos vazios urbanos: manifestações no Hipercentro de Belo Horizonte

BIFANO SILVA, Mateus¹

Aluno Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

SIMÃO, Karina Machado de Castro²

Docente Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

b

Resumo

Diante da presença de vazios urbanos nas cidades contemporâneas, propõe-se o estudo destes espaços ociosos, questionando a sua relação com o meio urbano e apresentando a subjetividade do seu conceito, que varia de acordo com a percepção adotada pelo espectador. É feita a revisão bibliográfica dos conceitos de vazios urbanos e das fissuras no espaço público. Também é elaborado um estudo de caso para melhor compressão do assunto, a partir do desenvolvimento de um mapeamento de vazios urbanos no Hipercentro de Belo Horizonte e da exemplificação dos seus tipos na área. Conclui-se que as cidades podem apresentar diferentes tipos de vazios e que estes devem ser analisados como potencialidades ou fragilidades, sendo que, quando o último, é necessário pensar novos usos para o local.

Palavras-chave: Vazios Urbanos; Fissuras Urbanas; Hipercentro; Belo Horizonte.

Introdução

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix mateus.bifano@hotmail.com

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora no Curso de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Minas Gerais karinamdc@yahoo.com.br



Considerando os vazios urbanos como espaços potenciais na cidade contemporânea, é possível pontuar estes lugares, degradados e sem uso, como capazes de reformular o território, por meio de sua reavaliação (DAVID, 2007, s.p. *apud* SILVA, 2017, p. 39).

Os vazios são idealizados como espaços sem função e sem edificação, o que caracteriza o termo francês “*terrain vague*”, conceituado por Lévesque (2002) em duas visões opostas. “A primeira denuncia a desordem que representam na cidade. A segunda, ao contrário, destaca seu interesse potencial como espaços de liberdade em um ambiente urbano cada vez mais padronizado e regulamentado” (LÉVESQUE, 2002, *online*).

Por conseguinte, é necessário compreender as outras denominações de vazios urbanos na cidade contemporânea, além do termo “terreno vago”. Estas caracterizações empregues ao conceito são pontuadas por Cavaco (2007) como manifestações em territórios urbanizados. A autora (2007) apresenta sete características desses espaços.

Vazio-paisagem: é o espaço onde não se distingue o meio urbanizado e o meio rural, o território livre que se encontra entre o caráter natural e urbano. “É, em termos abstractos, um vazio contínuo, extenso, um vazio de horizonte” (CAVACO, 2007, p. 6).

Vazio infra-estrutural: caracteriza-se por sua dualidade no ambiente construído, considerando que estes vazios, concomitantemente conectam espaços e os fragmentam. Pontes, viadutos, linhas ferroviárias, são exemplos de *vazio infra-estrutural*. Estes elementos urbanos podem ser interpretados como objetos estáticos e estéticos na paisagem, que regularmente rompem o espaço, provocando processos, inclusive, de gentrificação (CAVACO, 2007).

Vazio expectante: estes são os terrenos vagos (*terrain vague*), espaços livres no território. É o vazio mais óbvio que se encontra na cidade, um lugar sem edificação e sem função. “O vazio expectante é na cidade contemporânea um valor-parasita, é uma impermanência” (CAVACO, 2007, p. 7-8).

Vazio de cedência ou de interdição: é o vazio definido pela longiquidade, ou seja, são locais do território distantes e caracterizados como desperdiçados. Também estão relacionados ao ideal de vazios higiênicos, espaços que não necessariamente cumprem uma função além da estética que, eventualmente, cortam a paisagem, remetendo assim, à distância (CAVACO, 2007).



Vazio verde: por mínimo que seja, este é o espaço com áreas verdes na cidade, nem sempre sendo público, o que faz deste também um elemento de higiene. “É, antes pelo contrário e cada vez mais, um vazio de cedência obrigatório resultante de uma urbanização feita por privados, no interior das suas quintas, e assente numa lógica de parcelamento fragmentário” (CAVACO, 2007, p. 9).

Vazio interior colectivo: é a manifestação do domínio privado no meio coletivo, revelado na pós-modernidade, quando o capitalismo começa a dominar até mesmo os espaços livres públicos. Os shoppings centers são exemplos de ‘*vazio interior colectivo*’, já que são locais de livre transitoriedade, porém comandados por um poder privado, não caracterizados como vazios externos, e prometendo segurança, já que vigiados a todo instante (CAVACO, 2007).

O fragmento ou o simulacro do vazio tradicional:

O fragmento e o simulacro do vazio são a réstia sobrando do vazio herdado. Alguns permanecem ainda inteiros e intactos na sua razão de ser [...]. Outros, foram já maquilhados pela vontade pós-moderna de salvaguardar, valorizar e adular tudo quanto seja histórico, antigo ou popular (CAVACO, 2007. p. 9-10).

A partir dos conceitos apresentados, é possível relacionar os vazios urbanos com a caracterização de fissuras no espaço público. Gonçalves (2016) aponta essas fissuras como rupturas no espaço e como elementos geradores de tecidos urbanos fragmentados:

Suas origens [as fissuras] são múltiplas, podem ser resultados de catástrofes naturais, de demolições não acertadas ou despropositadas, de vazios mal projetados, de porções residuais de obras arquitetônicas e urbanas [...] e de políticas urbanas equivocadas que, por exemplo, privilegiam questões funcionais, como o sistema de trânsito em detrimento de outras dimensões urbanas. Em suma, são perdas de camadas constitutivas da cidade [...] que comportam concomitantemente como centro de conflitos e de convergências (GOLÇALVES, 2016, p. 39).

Visto isso, é possível relacionar o conceito de fissuras, consideradas elementos fragmentadores, como os pontos que interrompem o espaço. Estes locais podem ser considerados vazios urbanos.



Com isto, o objetivo deste trabalho é contrastar os conceitos apresentados com locais do cotidiano na cidade, identificando os diferentes tipos de vazios urbanos.

Metodologia

Para a realização do trabalho é feita uma pesquisa quantitativa e exploratória para investigar os termos e os conceitos apresentados, além de diagnóstico da área de estudo para a interpretação e para a documentação das manifestações dos vazios na cidade contemporânea.

O processo metodológico se completa através da revisão bibliográfica de conceitos de vazios urbanos, para a compreensão deste como algo subjetivo, visto que possui várias denotações.

Resultados e Discussão

A partir das teorias apresentadas, é possível compreender o comportamento dos vazios urbanos de duas maneiras, justificando a sua subjetividade, já que resultam da percepção do observador. Os vazios urbanos podem ser considerados fragilidades, ao entendê-los como locais irrelevantes e/ou que não cumprem o potencial existente, tornando-se, em alguns cenários, fissuras no espaço público, fragmentando o meio urbano.

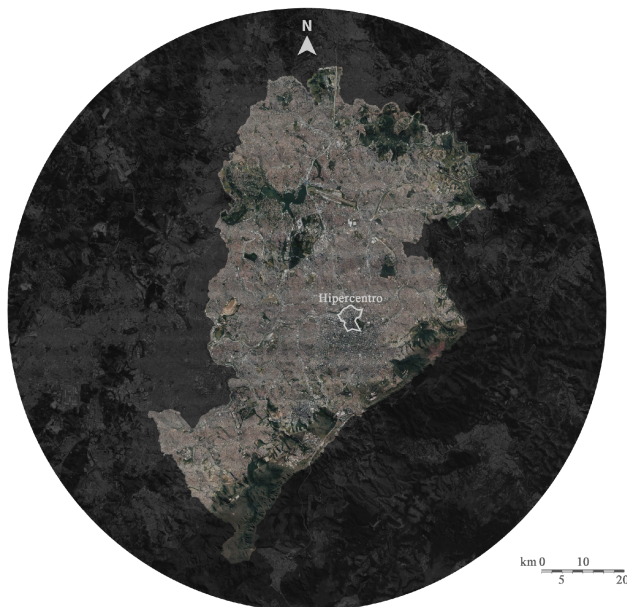
De modo divergente, os vazios também podem ser caracterizados como potencialidades, quando considerados áreas com capacidade para implementação de intervenções espaciais que agreguem valor à sociedade e ao lugar onde estão inseridos.

Para melhor compreensão de como os vazios se manifestam no meio público, a área hipercentral da cidade de Belo Horizonte foi utilizada como objeto de estudo.

Belo Horizonte (Figura 1) é a capital do Estado de Minas Gerais e está localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, de acordo com a divisão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O município possui 2.521.564 habitantes (IBGE, 2020, *online*) e é uma das principais capitais do país.



FIGURA 1. Mapa de Belo Horizonte



Fonte: Google Earth, s/d., adaptado pelo autor, 2021.

A área a ser estudada, é o Hipercentro do município (Figura 2) que, de acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte, é uma macrozona da cidade (Lei N° 7.166/96), compreendida no perímetro da Avenida do Contorno, área planejada da metrópole. O local concentra diversidade de usos, atraindo pessoas de toda a cidade, e até mesmo da Região Metropolitana.

FIGURA 2. Mapa do Hipercentro



1. Avenida Augusto de Lima
2. Avenida Amazonas
3. Avenida Olegário Maciel
4. Avenida Álvares Cabral
5. Avenida Bias Fortes
6. Avenida Afonso Pena
7. Avenida dos Andradas
8. Linha Ferroviária
9. Avenida do Contorno



Fonte: Google Earth, s/d, adaptado pelo autor, 2021.

Os vazios urbanos encontrados na área de estudo resultam do processo histórico da formação da capital. Belo Horizonte é uma cidade inicialmente planejada, referindo-se a região compreendida no perímetro da Avenida do Contorno, na qual o Hipercentro está localizado. Esta área hipercentral foi ocupada desde a inauguração da cidade, em 1897, caracterizando-a como um local com infraestrutura e o mais movimentado da metrópole, rodeado de comércios, bares, cafés e cinemas (BELO HORIZONTE, s.d., p. 19).

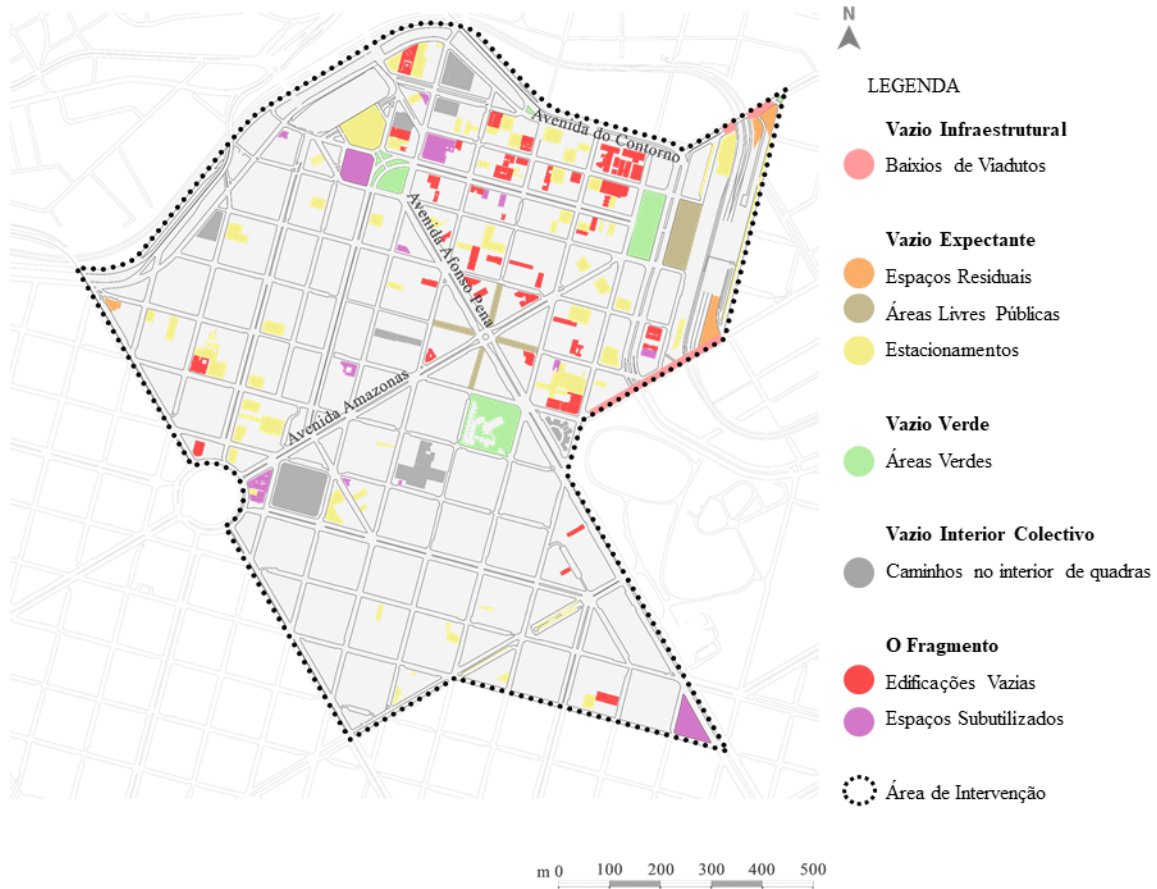


Com o passar dos anos, desde a inauguração da capital, no século XIX, até o século atual, XXI, a partir de novas oportunidades de uso e de ocupação em outras áreas da cidade, principalmente a região sul, o Centro passa a se tornar um local mais popular. Mesmo ainda sendo um lugar altamente frequentado, constantemente, o Centro é apenas um ponto de passagem, abrigo, atualmente, edificações e áreas vazias:

Por volta das décadas de 1960 e 1970, muitas pessoas deixaram de ir ali [Centro] para se divertir e fazer compras. Principalmente as classes mais altas procuraram outras regiões consideradas mais elegantes. Muitos estabelecimentos comerciais tradicionais fecharam suas portas. O Centro tornou-se uma opção mais popular, mas não deixou de ser frequentado pelos belo-horizontinos. (BELO HORIZONTE, s.d., p. 19).

Fundamentado nos conceitos de vazios urbanos definidos por Cavaco (2007), como exposto na introdução desse artigo, e no diagnóstico do Hipercentro de Belo Horizonte, foi realizado um mapeamento (Figura3), do qual observa-se que cinco, das sete caracterizações abordadas, se manifestam na área. São elas: o *vazio infraestrutural*, o *vazio expectante*, o *vazio verde*, o *vazio interior colectivo* e o *fragmento*.

FIGURA 3. Estrutura Urbana – Caracterização dos vazios



Fonte: Elaborado pelo autor, abr. 2021.

Nos vazios urbanos identificados no local de estudo, encontra-se a variedade de possibilidades ao relacioná-los com o espaço público. Os espaços ociosos podem ser observados através de viadutos e linhas de trem de metrô (Figura 4) – *vazio infra-estrutural* –, por meio dos espaços residuais presentes na cidade (Figura 5), nas áreas livres públicas e estacionamentos – *vazio expectante* – e através de praças presentes no Hipercentro – *vazio verde*.

Outrossim, também podem ser observados os vazios em edificações. A título de exemplo, em equipamentos comunitários que permitem travessias no seu interior, como o Mercado Central (Figura 7), que ocupa uma quadra da região e possui oito portarias, possibilitando o fluxo interno – *vazio interior colectivo* – e em edificações vazias (Figura 8) ou subutilizadas – *o fragmento ou o simulacro do vazio tradicional*.



FIGURA 4. Viaduto Santa Tereza e Linhas de Trem e Metrô – *vazio infra-estrutural*.



Fonte: O Tempo, 6 mar. 2019.

FIGURA 5. Espaço Residual no Hipercentro de Belo Horizonte – *vazio expectante*.



Fonte: Google Maps, s.d.

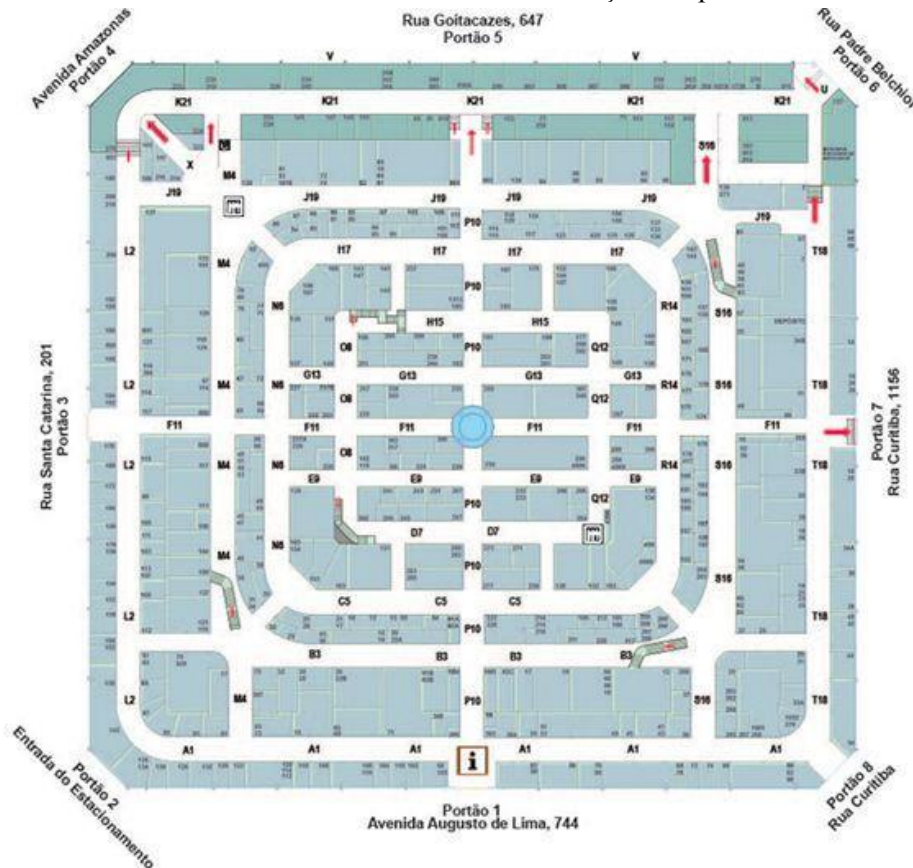


FIGURA 6. Praça Rui Barbosa – *vazio verde*.



Fonte: LabCon UFMG, 5 set. 2013.

FIGURA 7. Planta do Mercado Central com indicação das portarias – *vazio interior colectivo*.



Fonte: Mercado Central, s.d.



FIGURA 8. Edifícios Vazios no Hipercentro de Belo Horizonte – *o fragmento ou o simulacro do vazio tradicional.*



Fonte: Google Maps, s.d.

Entender como os vazios se comportam na cidade atual é necessário para a análise da pesquisa, visto que esses espaços, em suas diferentes formas e contextos, podem ser percebidos de maneiras subjetivas e, com isso, constantemente não são percebidos no meio urbano, impedindo maior desenvolvimento das cidades.

Além disso, também é válida a percepção de pontos que podem ser considerados vazios propositais, ou seja, locais que foram planejados com esta intenção, como o *vazio interior colectivo* que, muitas vezes, possui diversos usos internos, de apoio a população, e ainda assim são utilizados como locais de passagens, considerados vazios, como o Mercado Central, ou os *vazios verdes*, quando públicos, que rompem com o adensamento construtivo da metrópole, como forma de respiro para as pessoas, como a Praça Rui Barbosa.

Considerações Finais

Com base no estudo conceitual das distintas caracterizações dos vazios urbanos na cidade contemporânea e na análise sobre a manifestação destes no Hipercentro de Belo



Horizonte percebem-se as relações presentes no meio urbano e como a cidade é dotada de fissuras e elementos que a fragmentam, evidenciando as fragilidades presentes no meio, tal como os baixios de viadutos, elementos que não são pensados em sua construção e tornam-se locais de rompimento na cidade.

Ademais também se nota a potencialidade destes vazios, por serem locais passíveis de reapropriação, comprovando a sua relevância no meio urbano. Neste caso, ao serem identificados como potencialidades, devem suprir as necessidades da população para novos usos. Ainda sobre os baixios de viadutos, estes podem ser aproveitados, por exemplo, como pistas de skate cobertas ou locais para atividades culturais.

Portanto, o trabalho demonstra a subjetividade dos espaços públicos presentes no cotidiano, refletindo como estes locais estão atualmente. Sugere-se a realização de novas pesquisas para propor novos usos para vazios urbanos, atendendo a demandas da sociedade e não permitindo que espaços se tornem cada vez mais subutilizados ou degradados.

Referências

BELO HORIZONTE. Prefeitura de Belo Horizonte. **Histórias de Bairros. Regional Centro-Sul.** s.d. Disponível em: http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/CentroSulCompleto.pdf. Acesso em: 09 mai. 2021.

CAVACO, Cristina. **Espaçamentos Ilegítimos. A Condição Suburbana do Vazio.** 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/5803613/Espa%C3%A7amentos_Ileg%C3%ADtimos_A_Coন্দি%C3%A7%C3%A3o_Suburbana_do_Vazio. Acesso em: 21 abr. 2021.

GONÇALVES. Camila Teixeira. **Intervenções contemporâneas no Bixiga: fissuras urbanas e insurgências.** 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016. Disponível em: [doi:10.11606/D102.2016.tde-06072016-094834](https://doi.org/10.11606/D102.2016.tde-06072016-094834). Acesso em: 19 abr. 2021.

GOOGLE EARTH. **google.com.br/earth.** Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>. Acesso em: 10 abr. 2021.



GOOGLE MAPS. **google.com.br/maps/preview**. Disponível em:
<https://www.google.com.br/maps/preview>. Acesso em: 10 abr. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Belo Horizonte**. 2020. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 9 mar. 2021.

LABCON UFMG. **Praça da Estação**. 5 set. 2013. Disponível em:
<https://www.ufmg.br/cedecom/labcon/temas/cotidiano/pontos-de-onibus-e-seus-cotidianos/attachment/praca-da-estacao-2/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

LÉVESQUE, Luc. *The 'terrain vague' as material – some observations*. 2002. Disponível em:
https://www.amarrages.com/textes_terrain.html. Acesso em: 21 abr. 2021.

MERCADO CENTRAL. **Mapa e Lojas**. s.d. Disponível em:
<http://mercadocentral.com.br/lojas/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

O TEMPO. **Após Carnaval, vândalos jogam pedras em carro da PM no viaduto Santa Tereza**. 6 mar. 2019. Disponível em:
<https://www.otempo.com.br/o-tempo-contagem/apos-carnaval-vandalos-jogam-pedras-em-carro-da-pm-no-viaduto-santa-tereza-1.2145798>. Acesso em: 11 mai. 2021.

SILVA, Patrícia Alexandra Branco. **Acupuntura Tática em Vazios Urbanos**. 14 dez. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Universidade de Lisboa). Disponível em:
<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/15304>. Acesso em: 21 abr. 2021.